

**HARVEY, David. A condição pós-moderna:
Uma pesquisa sobre as origens da
mudança cultural. São Paulo, Edições
Loyola, 1992.**

Rachaduras Nos Espelhos, Fusões Nas Extremidades

José Aldemir de Oliveira¹

Após mais de uma década da tradução de "A Justiça Social e a Cidade" (HUCITEC, 1980), a Edições Loyola lança entre nós a tradução do livro de David Harvey "Condição Pós-Moderna". Como aquele, este lançamento ocorre após mais de 04 anos de sua publicação em língua inglesa e em torno de 06 anos de escritura, o que não tira a substância do livro mas enfraquece a atualidade pelo tema que enfoca, pois foi escrito no período anterior à queda do muro de Berlim e da derrocada do leste europeu.

O livro compõem-se de quatro partes revelando uma seqüência de pensamento, que pontua um determinado período de reflexão do autor, fundado na crítica perspicaz ao modo de vida

¹ Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, pós-graduando da USP.

nas grandes metrópoles, principalmente dos países desenvolvidos. Cada parte do livro é iniciada com uma nota introdutória onde os pontos fundamentais são explicitados e as questões suscitadas. Ao final de cada capítulo tais pontos são retomados e conclusos. Esta forma de organização dá leveza ao livro, apesar da densidade. Não existe reducionismo, nem conclusões fechadas, mas questionamentos e inquietações que sem dúvida podem aguçar o debate intelectual, especialmente mas não exclusivamente, entre aqueles que estudam a cidade.

Harvey principia colocando uma premissa: a partir da década de setenta acentuam-se mudanças importantes nos campos econômico, político, social e cultural. Tais mudanças se estabeleceram a partir de um processo desencadeado no início do século e resultaram de novas determinações do tempo e do espaço. Todavia, as mudanças nas dimensões tempo e espaço, não podem "a priori" ser consideradas como causa e efeito mas há sem dúvida uma relação entre as práticas culturais pós-modernas, as novas formas de "acumulação do capital" e a "compressão do tempo-espaço" como estratégias "novas" na organização capitalista. Estas mudanças, apesar de importantes, não propiciaram, sempre segundo Harvey, o surgimento de uma sociedade pós-capitalista ou pós-industrial.

Na primeira parte, Harvey discorre sobre a passagem da modernidade à pós-modernidade, sustentando ser impossível ignorar ou deixar de reconhecer esta passagem. Recorre a caracterização do pós-moderno em vários campos do conhecimento e da cultura, criticando e questionando a sua existência.

Na arquitetura cita Charles Jenckes para pontuar a passagem que se dá com a dinamitação de um conjunto residencial planejado por Le Corbusier (p.44). A partir deste evento aparentemente sem nenhuma importância, as idéias do "alto modernismo" que dominaram o pensamento dos arquitetos até então cedem lugar a outras possibilidades de construção; no romance ocorre a dissolução entre realidade e ficção; na filosofia surge uma

vigorosa denuncia da razão abstrata e uma aversão a todo processo de emancipação humana; nas artes predomina a colagem, o produtor invés do criador e os espaços justapostos; no urbanismo emerge uma visão do processo enquanto caótico onde o acaso pode desempenhar um papel relevante na organização do tecido urbano. É a *soft city* de Raban, a cidade enquanto um empório de estilos, uma multiplicidade de modas.

Em tais mudanças predomina a instantaneidade e como consequência a perda de profundidade, enfatizando a produção de eventos culturais (espetáculos), e a valorização que a mídia dá ao transitório da vida. A institucionalização da massa cultural é uma ilusão de aproximação da "cultura popular" à "alta cultura". O passado não existe como raiz, o futuro inexiste enquanto perspectiva e o presente é uma forma vivida e material e o aqui e agora torna a consciência forjada. O desenvolvimento das telecomunicações possibilitou o surgimento de uma mídia capaz de superar todas as barreiras espaciais para enfatizar o território da vida. Ao que parece, sempre segundo Harvey, há na pós-modernidade uma inclinação para articular a realidade imitando as imagens da mídia.

Ao recorrer a Deleuze e Guattari, ele enfatiza sua visão da sociedade contemporânea: "a nossa sociedade produz esquizofrênicos da mesma maneira que produz xampu ... ou carros ..., com a diferença de que os esquizofrênicos não são vendáveis". E em seguida conclui não ser possível conceber o indivíduo alienado no sentido marxista clássico, porque não existe do que se alienar. (p.57).

Para Harvey na pós-modernidade predomina o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico, aproximando-a das postulações Baudelaire sobre a modernidade. A partir de tal constatação, o autor se coloca na defensiva e levanta vários questionamentos que permearão não só os primeiros capítulos mas toda a obra: o pós-modernismo é uma ruptura radical com o modernismo ou é apenas uma revolta no interior deste? Terá ele

um potencial revolucionário ou é apenas uma comercialização e domesticação do modernismo?

A posição de Harvey não pode ser identificada numa frase ou numa página, mas perpassa todo o texto e é claramente a crítica ao pós-modernismo. Recorrendo a Jameson, sustenta ser o pós-modernismo nada mais que a lógica cultural do capitalismo avançado com o objetivo de dotar o mercado de bens e serviços numa urgência "frenética" para produzir mercadorias com novas aparências, ressaltando cada vez mais a inovação e a experimentação estética.

De qualquer forma, ressalta que não se pode conceber o pós-modernismo como uma corrente artística autônoma, pois ele está enraizado na vida cotidiana. No campo urbano, por exemplo, o que predomina é a fragmentação, a superposição das formas como colagem, metrópoles planejadas, controladas e vendidas aos pedaços. "As novas tecnologias dissolveram a necessidade de conjugar a produção em massa com a repetição em massa exprimindo uma grande variedade de estilos", predomina a estética da diversidade. Isto poderia implicar maior acesso às inovações tecnológicas, utilizadas por exemplo para a construção em massa de moradias populares. Isto entretanto não ocorreu. O livre mercado e as políticas neoconservadoras que predominaram na década de 80 garantiram construções sumptuosas aos ricos, encerraram a classe média em condomínios fechados para morar, shoppings para comprar ou áreas fechadas de lazer planejado para se divertir, nada fazendo pelos pobres a não ser dar-lhes acesso a uma paisagem urbana pós-moderna indigna, qual seja a falta de moradia, a ocupação de estações de metrô, viadutos, etc. Harvey obviamente não está falando da paisagem urbana de cidades subdesenvolvidas, mas bem que poderia.

A tendência do urbano, para Harvey, é cada vez mais o espetáculo administrado, controlado e sempre que possível vendido. As cidades, em especial as grandes cidades dos países

desenvolvidos, enfatizam cada vez mais certas qualidades de centros financeiros, de consumo, de entretenimento e de cultura. É a cidade espetáculo, ou seja, provida de imagens e de espaços espetaculares visando atrair capital e pessoas (p. 92), numa profunda abstração e banalização das necessidades.

Na parte 2 Harvey analisa as forças sociais que garantem a condição pós-moderna. Sustenta que estamos num período de transição do regime de acumulação com implicações políticas e culturais a ele associadas que contribuem para transformações importantes nas condições de produção. As mudanças não ocorrem sem que haja condição para tal. E a principal delas, não a única, foi a insatisfação existente nos países de 1º mundo com a baixa qualidade de vida decorrente de um consumo de massa padronizado e, no 3º mundo, o fracasso de políticas que prometiam desenvolvimento, mas na verdade promoviam a destruição de culturas locais. Embora as premissas levantadas por Harvey sejam verdadeiras, há que se questionar se as insatisfações no 3º mundo têm algum peso nas transformações mais gerais. De qualquer maneira estes fatores evidenciaram a incapacidade de uma forma de organização anterior (baseado no fordismo) de dar respostas à acumulação de capital e estabeleceram as condições para a emergência da "acumulação flexível" que, na essência, representam uma maneira "nova" do capitalismo se organizar (reorganizar) através da dispersão e da mobilidade geográfica e dar respostas flexíveis às relações com a força de trabalho, ao mercado consumidor e às inovações tecnológicas e institucionais. Em poucas palavras, é o capitalismo se adaptando à crise de acumulação, com base numa continuidade e não numa ruptura.

As condições para a transição são para Harvey as mudanças dos valores que caracterizam a sociedade contemporânea. Na sociedade atual acentua-se o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz e o individualismo ao invés de valores mais sólidos. Tais valores contrapunham-se àqueles apregoados como as bases da organização

da classe trabalhadora e explicam em parte o golpe que a acumulação flexível desferiu nesta organização (principalmente nos sindicatos), pois houve a transformação na base da luta de classe. A consciência de classe já não deriva de uma clara relação capital x trabalho, mas de outros campos de luta. A luta agora nem sempre é contra o patrão mas, em alguns casos, contra a falta deles. A luta de classe é um movimento interno do capitalismo, a crise deste leva inexoravelmente ao questionamento daquele. Harvey, neste texto, não coloca claramente o fim da luta de classes, mas parece se encaminhar para tal.

Ao teorizar sobre a transição, Harvey retoma pontos levantados no livro anterior *The Limits to Capital* (1982), assinalando as características do capitalismo formuladas por Marx, por entender que é possível empregar seus instrumentos teóricos para analisar a transição, pois a acumulação flexível é uma tentativa de solução para uma das crises cíclicas do capitalismo. Destaca que o sistema financeiro alcançou tão alto grau de autonomia diante da produção que estaria aí o ponto de estrangulamento do impasse do capitalismo, confirmando o prognóstico de Marx.

Na parte 3 Harvey analisa o espaço e o tempo, considerando-os como categorias básicas da existência humana, sendo suas práticas e processos materiais as bases para a reprodução e a configuração da vida social, não podendo serem compreendidos de maneira autônoma. As práticas espaciais e temporais são abundantes em sutilezas e complexidades e na identificação de suas causas e efeitos podem ser encontradas as explicações da crise atual. Argumenta que há uma estreita relação entre o domínio do dinheiro, do tempo e do espaço e o poder social. "Quem domina essas formas estabelece as regras básicas na sociedade", ou seja, o domínio do tempo e do espaço são as fontes do poder social. As práticas, sempre segundo Harvey, não são neutras. Elas embutem interesses de classes.

Há sem dúvida uma valorização do papel do espaço e do tempo enquanto produto social na organização da sociedade con-

temporânea. Este aspecto é relevante na análise da evolução do pensamento do autor, considerando-se que no seu livro anterior traduzido entre nós, ele assume uma posição crítica a Lefebvre pela insistência deste no "decisivo" e "preeminente papel das forças espaciais e estrutural na moderna sociedade capitalista", conforme assinalou mais tarde E. Soja.

Há uma compressão do tempo e do espaço que o autor examina com bastante argúcia, embora seja restrita a um ponto de vista eurocêntrico indo do iluminismo, passando pelo modernismo desembocando no pós-modernismo. A sua perspectiva é sem dúvida contínua.

No iluminismo, predominou a ordenação e racionalização do tempo e do espaço como requisitos à construção de uma nova sociedade, o que significou também novas formas de poder; no modernismo, houve um sentido de mudança forjado pelo capitalismo que estabeleceu reavaliações constantes das representações do tempo e do espaço, com subjugação deste àquele.

É mais densa a sua abordagem sobre o pós-modernismo. Neste se dá a aceleração do tempo de giro do capital desenvolvido através da transformação do consumo de bens e serviços numa rapidez nunca vivenciada, caracterizando-se pelo instantâneo, pelo descartável. Neste sentido, a mídia assume um importante papel, com a publicidade manipulando desejos, criando novas imagens e signos. As barreiras espaciais são superadas pelas telecomunicações, possibilitando que imagens sejam vistas quase que concomitantemente em todas as partes do mundo, facilitando a "mercadificação" de coisas e gostos numa sociedade identificada pelo transitório e pela tendência para a homogeneização. A diminuição das barreiras espaciais possibilita ao capitalista o domínio de super-espacos não só para fazer negócios mas também para conquistar poderes.

Harvey considera o entrelaçamento do dinheiro, espaço e tempo como fatores determinantes das práticas sociais no capita-

lismo avançado e é exatamente neste ponto que se dá o estrangulamento do sistema. Mas como isso ocorre? Na sociedade pós-moderna, segundo ele, o instantâneo e o temporário levam ao colapso do dinheiro como meio seguro da representação de valor, além de tornar efêmeros os horizontes do tempo. Do mesmo modo, falta a certeza na determinação do espaço que se ocupa, quando se busca a avaliação de causas e efeitos. Os valores desaparecem enquanto dimensões significativas da ação humana. A fragilidade de tais dimensões valorativas impossibilitam a superação da crise. É o fim do sistema.

Resta saber se isso ocorrerá, quando e quais as estratégias que o sistema buscará para se reciclar e encontrar saídas. Harvey, parece não deixar dúvida que o capitalismo achará saídas pois, "para onde caminhar o capitalismo, seu aparato ilusório, seus fetichismos e o seu sistema de espelhos não demoram em acompanhá-lo"(p. 308).

Existe uma condição pós-moderna? Para Harvey, sim, e ela se dá a partir das dimensões do tempo e do espaço a que o capital está sujeito da mesma forma que as produz. A crise de acumulação que chegou ao seu ponto máximo na década de 70 modificou a experiência do tempo e do espaço e transformou valores. Houve a sobreposição da estética à ética, as imagens superaram as narrativas, predominaram o efêmero e o fragmentário em todas as atividades humanas. Estas mudanças não são de todo novas. Elas se contextualizam como estratégias de superação das crises cíclicas do capitalismo. O pós-modernismo, portanto, não é senão um intento visando a explicar em termos conceituais e artísticos esta crise, ao mesmo tempo que a acumulação flexível é uma tentativa de superação em termos econômicos. Ou seja, o pós-modernismo é a interpretação da acumulação flexível.

Harvey não comete desvario com abstrações e nem desacer tos com afirmativas que possam ser arroladas como sendo de senso comum. Ao contrário, sua agudez e o seu rigorismo metodológico devem-nos levar a uma profunda reflexão sobre as

questões colocadas por esse pensador que parece não comportar rótulos. Seu livro lembra-nos o texto de Georg Simmel "The Metropolis and Mental Life", escrito no início do século, onde o autor discorre sobre a luta do indivíduo para preservar a autonomia e a individualidade da sua existência face às bruscas mudanças culturais e técnicas vivenciadas naquele período. Tanto aquele texto como este de Harvey parecem lamentos de seus tempos. Entretanto, tratando-se de Harvey, uma segunda leitura ou mesmo a leitura de um novo texto do autor podem nos levar a desconfiar disso, ou nos deixar irresolutos, pois há sempre *rachaduras nos espelhos e fusões nas extremidades*.

.....

.....

.....